

Um Lugar para Viver

Maud Mannoni

Em Bonneuil nada se quer saber da loucura de cada um, mas a psicanálise inspira de ponta a ponta a montagem institucional da escola. Dado essencial: para que a análise pessoal possa ser plenamente vivida, ela é feita sempre *fora* da escola.

Maud Mannoni, psicanalista francesa, é a responsável pela fundação, em 1969, de uma instituição original, sem precedentes na França: a Escola Experimental de Bonneuil.

Localizada em Bonneuil-sur-Marne, pequena localidade a poucos quilômetros de Paris, a escola recebe crianças “excluídas pelo sistema” - ou seja, os débeis, psicóticos e autistas.

Porém as crianças acolhidas em Bonneuil deixam seus rótulos de loucura do lado de fora. Lá dentro, o importante é atravessar, ainda que de forma precária, um processo de escolarização, ferramenta fundamental para uma futura reinserção no circuito social produtivo. Lá, tudo se passa como em uma escola “normal”, embora a condição de escola “especial”, na qual se deve ficar apenas o tempo suficiente para voltar à escolarização regular, jamais seja negada. Por isso, Bonneuil não se parece em nada com uma instituição de tratamento. Quem desobedece às normas estabelecidas vai para a sala do diretor, todos

trabalham em um clima de cooperação, há festas e passeios como em qualquer escola.

Ainda que em Bonneuil nada se queira saber sobre a loucura de cada um, a Psicanálise inspira de ponta a ponta a montagem institucional da escola. “Não há psicanálise individual em Bonneuil, mas tudo o que lá se faz se funda na Psicanálise”, afirma Mannoni em **Um lugar para Viver**, de 1976.

Vinte anos depois, Bonneuil continua a ser um polo extremamente ativo, capaz de atrair estagiários do mundo todo, entre os quais parcela extremamente significativa de brasileiros.

Bonneuil é uma instituição com desenho extremamente característico e não replicável. Isto porque Mannoni é a sua alma, sua referência e sua sustenta-

Nota da Redação

Esta Entrevista foi realizada pela Dra. Maria Cristina Kupfer, a quem **Percursos** agradece calorosamente.

ção teórica. Há na França quem tema pelos destinos da escola quando Mannoni não puder mais animá-la.

Maud Mannoni é também uma das fundadoras do "Centre de Formation et de Recherches Psychanalytiques" (CFRP), instituição que congrega psicanalistas e profissionais interessados em se beneficiar da abertura psicanalítica. Em 1992, completou dez anos de existência, durante os quais cresceu e se firmou como centro de referência e de formação para um grande número de psicanalistas franceses.

Em abril deste ano, Mannoni recebeu a revista **Percorso** para uma entrevista na sede do CFRP, em Paris.

Percorso - Em seu livro **Um lugar para Viver**, a senhora afirma que, na escola de Bonneuil, a Psicanálise está em toda parte. No entanto, muitos dos profissionais que lá trabalham dizem não utilizar essa referência. Como entender, então, a presença da Psicanálise em Bonneuil?

Maud Mannoni - Acredito que não se deva dar às crianças de Bonneuil uma escuta "psi" 24 horas por dia. Ao contrário, tentamos oferecer a elas um lugar em que não estejam mergulhadas em um "banho de tratamentos", pois, entre outras coisas, há o perigo de que elas venham a suspeitar de que interessam aos adultos exatamente por causa de seus sintomas. É preciso acolher o sintoma, mais do que analisá-lo. O tratamento analítico é feito fora de Bonneuil. Porém ele não é suficiente. É necessário oferecer às crianças atividades que contemplem também os planos da imaginação e da realidade. São esses os planos que Bonneuil privilegia.

Percorso - E como são contemplados esses planos?

Mannoni - O plano da imaginação é suprido com os ateliês, que as crianças escolhem ou não frequentar. São ateliês de música, de pintura, de teatro, de contos, em que o sintoma é acolhido, e nos quais o mais importante é por a imaginação para trabalhar. O plano da realidade é suprido através das atividades escolares propriamente ditas, pelas visitas e trabalhos realizados junto a artesãos da região que aceitam recebê-las, e através do trabalho efetivo que muitos dos

"Em Bonneuil não se dá uma escuta "psi" às crianças 24 horas por dia, para que não corram o risco de pensar que apenas interessam aos adultos, por seus sintomas".

alunos de Bonneuil realizam também na região, fora dos muros da escola. Todo esse trabalho com a realidade lhes permite recuperar uma identidade. É muito importante que elas venham a ter futuramente uma inserção social, que venham a ganhar a vida.

Percorso - Nesses trabalhos que se desenvolvem nos planos da realidade e da imaginação, não há lugar para a "escuta psi"?

Mannoni - Vou responder a essa questão com um exemplo. Havia em Bonneuil uma criança muito comprometida, um débil profundo, que começou a fazer

um trabalho no exterior, ou seja, um trabalho em uma construção nos arredores de Bonneuil. Ele costumava ser acompanhado por uma pessoa de Bonneuil, e os operários estavam muito contentes com seu trabalho, que ele desempenhava bem, por se tratar de atividades manuais simples. Na hora do almoço, porém, ao se juntar a eles, o rapaz (já não era mais uma criança) começou a comer com as mãos, o que desagradou aos operários. Então, um deles lhe disse mais ou menos o seguinte: "Nós aqui comemos como seres humanos, e não como animais. Se você quiser com as mãos, vá para um canto. Se quiser comer conosco, terá de usar os talheres". O rapaz preferiu imediatamente a segunda opção. O surpreendente foi a eficácia dessa intervenção, que veio justamente de alguém totalmente estranho ao universo "psi". Eis por que se devem oferecer às crianças outras opções de discurso alheias ao discurso "psi".

Percorso - É por essa razão que as análises das crianças são feitas fora de Bonneuil?

Mannoni - Ao separarmos o trabalho escolar do trabalho analítico, queremos que as crianças tenham a chance de "falar mal" da escola, de "bancar os negativos", coisa que não estariam à vontade para fazer caso a análise acontecesse dentro dos muros da escola. Por isso, as pessoas da escola não se comunicam de modo algum com os analistas das crianças, e desse modo separamos nitidamente o plano analítico do plano escolar.

Percorso - A senhora propõe a noção de alternância para fundamentar sua proposta de oferecer às crianças lugares diferen-

tes entre os quais circular. São lugares separados geograficamente: a escola de Bonneuil, a família que os acolhe na província, o trabalho feito no exterior da escola. A noção de alternância também poderia aplicar-se a atividades diferentes dentro da mesma instituição, como por exemplo um grupo terapêutico e em seguida um trabalho escolar?

Mannoni - Acredito que sim, com a condição de que se marquem nitidamente as diferenças, o que é bastante difícil de ser feito. Mas não vejo muito o sentido dos grupos terapêuticos.

Percurso - Por que?

Mannoni - A análise individual deveria ser suficiente como trabalho terapêutico.

Percurso - Se a escuta analítica não norteia fundamentalmente as atividades em Bonneuil, que diferenças haveria entre o que se faz em Bonneuil e aquilo que os pais e educadores tentaram antes sem sucesso com essas crianças?

Mannoni - A diferença está em sua "clareagem analítica" (*éclairage analytique*) que nos orienta e nos ajuda a inventar. Devemos estar abertos ao imprevisto, e sermos capazes de dar uma resposta diferente daquela já obtida pela criança em outras situações com seus pais ou antigos educadores. Trata-se, fundamentalmente, de uma inspiração psicanalítica, presente em quem é analista e passou por uma análise pessoal - e que atravessa por inteiro a quem possui essa experiência.

Percurso - No Brasil, em São Paulo, assistimos no ano passado a um debate em torno dos problemas levantados pela psicose infantil. Nesses debates, duas

tendências ficaram nítidas: a primeira acredita que as doenças mentais são produto de condições sociais extremamente desumanas em que as crianças se encontram mergulhadas. Para a outra corrente, são sobretudo as relações familiares que se revelam patogênicas, e que, portanto, as doenças mentais não estão necessariamente ligadas às condições de vida infra-humanas. O que a senhora poderia dizer sobre esse debate?

Mannoni - Eu acredito que, no Brasil, é preciso levar em conta essas duas correntes. Ou me-

"Ao trabalharmos com as famílias, procuramos compreender o que, no drama familiar, foi o responsável pela fabricação de um psicótico".

lhor, é preciso acrescentar uma terceira: estou pensando no autismo primário, naquilo que o autismo primário ainda nos coloca como enigma, pois não é nada evidente que uma mãe seja inteiramente responsável pelo fato de uma criança recusá-la. Nesses casos, não se trata mais de centrar a discussão em torno do "orgânico x não-orgânico". É preciso ajudar essa mãe, tão "provocada" por seu filho, a falar um trajeto, e ajudar essa criança a entrar no mundo, já que desde o princípio ela se recusou a fazê-lo. Quanto aos distúrbios psicóticos, é ver-

dade que, ao trabalharmos com as famílias, procuramos compreender o que, no drama familiar que remonta muitas vezes a três gerações, foi o responsável pela "fabricação" de um psicótico. De outro lado, não podem ser esquecidas as condições desumanas em que vivem tanto as crianças como suas mães. Há a problemática das favelas, isso a que nós chamamos de Quarto Mundo, que aumenta cada vez mais. São pessoas que estão nas ruas, não têm trabalho e nem amparo da Sécurité Sociale. Mas, mesmo aqui, na Europa, há problemas dessa ordem. Acontece às vezes se recolher na Polícia uma mãe que diz querer matar seu bebê, mas que não quer nem ouvir falar dos "psi" e muito menos dos hospitais psiquiátricos. Vêm-se também crianças criadas em meio à toxicomania, ao alcoolismo, à prostituição, que não vão à escola, e que ficam totalmente marginalizadas. O potencial das pessoas que vivem desse modo é extremamente perigoso para a sociedade. Há assassinatos todos os dias entre eles, e as estruturas francesas são impotentes diante disso.

Percurso - E nessas situações pode surgir a psicose?

Mannoni - Sim, na medida em que algumas crianças, antes da idade de um ano, vivem uma angústia extrema ao lado de mães completamente impossibilitadas de criá-las. Quando uma mãe não deseja alimentar seu bebê, nem lhe dar de beber, e diz que esse bebê certamente voltará para o seu ventre, é evidente que o futuro dessa criança será um ponto de interrogação. Isso ocorre, na maioria dos casos, em famílias completamente dissociadas, e o melhor que pode acontecer a essas

crianças é que elas se tornem delinquentes. Se forem frágeis, poderão produzir um episódio psicótico, mas isso depende também da idade e de o quanto esses pais estejam “afundados”.

Percurso - Gostaria agora de dirigir uma pergunta à fundadora do CFRP. Quando se trata de reconhecer um analista, há no CFRP a idéia de que a preocupação não é com o reconhecimento do ser do analista, e sim com o reconhecimento da formação do analista. Como é feito esse reconhecimento da formação? Através de que procedimentos?

Mannoni - As pessoas que procuram o CFRP são a princípio ouvintes livres. Se desejam inscrever-se em um processo de reconhecimento profissional e se beneficiar dos diferentes grupos de trabalho da instituição, tornam-se participantes (*adhérents*) e são então recebidos por um comitê de admissão. Esse grupo é composto por profissionais de todo tipo de formação e que não fazem análise, mas estão interessados em se confrontar com a “Clareagem analítica”. Mas um participante pode se declarar analista. Esta declaração é confirmada quando a pessoa em questão pode dar o nome de dois supervisores que acompanharam seu trabalho. Nós não interrogamos jamais o analista do candidato, para respeitar algo que deve permanecer privado e que pertence ao sujeito. Mas no nível da prática, interrogamos o supervisor, para estarmos seguros de que o candidato realiza, verdadeiramente, um trabalho de formação, e que não é um perigo público.

Percurso-Um perigo público?

Mannoni-Sim, são pessoas

que trabalham fora de qualquer formação analítica, e com eles somos obrigados a ser prudentes. Mas há ainda os que não querem permanecer participantes por toda a vida e desejam tornar-se membros ativos, tomar parte mais ativa na vida da instituição. Não fazemos o passe como Lacan propôs, retivemos apenas as questões interessantes propostas por ele, fizemos uma espécie de coquetel à nossa moda. O candidato escolhe duas pessoas, e o CFRP outras duas, que vão compor um júri. Diante dele, o candidato deve se dispor a responder à questão: “o que é que fez de mim um analista”. Ele poderá seguir dois caminhos. O primeiro seria o de retomar o itinerário de sua própria análise, situando o momento em que ele passou do estado de analisando à posição de analista, ou então retomar aquilo que o levou à análise pessoal. Uma outra possibilidade pode ser a de falar de um trajeto através de seus pacientes, ou seja, dizer como ele foi “remodelado” a partir das questões com as quais se confrontou durante esse trabalho.

Percurso - Sabemos que Bonneuil tem recebido adeptos entusiasmados com seu trabalho. Mas há também aqueles que têm dirigido críticas à escola. Martine Fourré, por exemplo, afirma em seu livro *Les Lieux d'Accueil*, publicado em 1991, que não há teorização em Bonneuil, e que sua experiência não é transmissível porque não foi formalizada. Como a senhora responderia a essas críticas?

Mannoni - Bem, um livro pertence ao público, e Fourré tem o direito de colocar as coisas nesses termos. Não preciso me defender, os problemas se colocam

de acordo com o grupo a que se pertence, e Fourré pertence à Escola da Causa. Faço a teorização da clínica em meus livros, e de um modo inteiramente diferente do modo como se faz na Escola da Causa, na qual a clínica serve para ilustrar um ponto da teoria. Nesse modo de trabalhar, em que se tenta por tudo em matemas, nenhuma abertura às questões pode se dar. Para mim, as questões devem permanecer abertas. Posso dizer que em *Educação Impossível, Um lugar para Viver, Um Saber que Não se Sabe, e Bonneuil 16 anos Depois*, retomo a trama de Bonneuil. Nesses livros, podem-se encontrar as perguntas que continuam abertas, e que foram trabalhadas em sucessivas reviravoltas dialéticas.

Percurso - Quais seriam, por exemplo, essas questões?

Mannoni - Há por exemplo todo um trabalho que foi feito sobre a alternância entre a província e a escola de Bonneuil. Desde o princípio, em *Educação Impossível*, esse tema foi tratado com extrema prudência. Eu havia dado como referência aquilo que aconteceu no Canadá vinte anos atrás, quando os criadores de porcos se tornaram criadores de deficientes. Bem, mas foi com isso que começamos, e esse trabalho com as famílias “adotivas” locais só não foi levado mais adiante porque a administração pública nos coloca hoje em situação difícil ao não autorizar mais as estadas no exterior. Mas uma questão essencial para mim continua sendo a possibilidade de “habitar” línguas estrangeiras, e aí os exemplos clínicos não são muito numerosos, mas vale a pena continuar trabalhando nessa direção.